



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

UMA ANÁLISE DA “GUALÍN DO TTK” E SUA INFLUÊNCIA
NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO “KGL”

Lívia Rodrigues Cardoso Marins

Rio de Janeiro
2023

LÍVIA RODRIGUES CARDOSO MARINS

UMA ANÁLISE DIALETOLÓGICA DA “GUALÍN DO TTK” E
SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO “KGL”

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Borba

RIO DE JANEIRO

2023

M339a Marins, Livia Rodrigues Cardoso
 UMA ANÁLISE DA "GUALÍN DO TTK" E SUA INFLUÊNCIA
 NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO "KGL" / Livia Rodrigues
 Cardoso Marins. -- Rio de Janeiro, 2023.
 33 f.

 Orientador: Rodrigo Borba.

 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Inglês, 2023.

 1. cultura urbana. 2. identidade. 3. território.
 4. discurso. I. Borba, Rodrigo , orient. II. Título.

RESUMO

Este trabalho analisa, a partir de uma perspectiva sócio-cultural, um dialeto instaurado no território do Catete em meados de 1960, com o objetivo de driblar a repressão da ditadura militar no bairro e adjacências. Este fenômeno é conhecido como *gualín* do TTK – sendo “gualín” a inversão silábica da palavra “língua” e “TTK” a inversão do acrônimo pelo qual o bairro do Catete é conhecido, notadamente KTT. Por ser adotado como meio de comunicação de grupos socialmente marginalizados, como os pichadores e os skatistas, nota-se que o território e as influências culturais urbanas impulsionam as múltiplas aplicações do dialeto nos contextos cotidianos. O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre língua, identidade e cultura, procurando entender a) a maneira como o território, com seus elementos históricos, políticos, geográficos e ideológicos, impacta a construção identidade individual e coletiva dos atores sociais e b) como a intenção discursiva do dialeto do Catete é determinada pelo contexto político e social em que os indivíduos desse território se encontram. Para o processo metodológico, foram consultados livros, artigos acadêmicos, periódicos científicos, além de veículos de comunicação especializados em cultura urbana, por conta da especificidade do tema. O trabalho por fim buscou entender quais foram os processos simbólicos e interpretativos que transformaram o objeto de pesquisa em elemento constitutivo da identidade do Catete e redondezas e validaram sua resistência como elemento cultural e identitário.

Palavras-chave: cultura urbana, identidade, território, discurso

ABSTRACT

This work analyzes from a sociocultural perspective a dialect established in the territory of Catete in the mid-1960s, to deceive the repression of the military dictatorship in the neighborhood and its surroundings. This phenomenon is known as “gualín of TTK” – “gualín” being the syllabic inversion of the word “language” and TTK the inversion of the acronym KTT that refers to the name of the neighborhood. Because it is used as a means of communication for socially marginalized groups, such as graffiti artists and skaters, it is noted that the territory and urban cultural influences boost the multiple applications of the dialect in everyday contexts. This work aims to analyze the relationship between language, identity, and culture, seeking to understand a) how the territory, with its historical, political, geographic, and ideological elements, impacts the construction of individual and collective identity of social actors and b) how the discursive intention of the Catete dialect is determined by the political and social context in which the individuals of that territory find themselves. For the methodological process, books, academic articles, and scientific journals were consulted, in addition to communication vehicles specialized in urban culture, due to the specificity of the theme. Finally, the work sought to understand the symbolic and interpretive processes that transformed the research object into a constitutive element of the identity of Catete and its surroundings and validated its resistance as a cultural and identity element.

Keywords: urban culture, identity, territory, discourse

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
O CATETE COMO PONTE ENTRE CENTRO E ZONA SUL	9
1.1 O bairro do Catete como centro do Brasil.....	9
1.2 O KGL como potência e resistência cultural.....	14
2. A LINGUAGEM E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	18
2.1 Bakhtin e as identidades sociais.....	18
2.2 A construção da identidade nas ruas.....	20
3. A <i>GUALÍN</i> DO TTK NA REAFIRMAÇÃO DO TERRITÓRIO	23
3.1 “Acri do TTK”: identidade territorial e a potência da indústria artística.....	23
3.2 TTK como marca registrada.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXO	32

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a teoria linguística de que as expressões verbais são frutos de uma reutilização de usos passados, entende-se que o discurso está em constante mudança. Assim como as gírias, dialetos regionais e expressões populares, a *gualín* do TTK cria um reconhecimento territorial potente por meio da brincadeira com a palavra, da cadência, da pronúncia e do jeito de se expressar. É inserido nesse contexto de multiplicidade cultural e identitária dentro de um mesmo território e da construção de palavras através de sua fragmentação que, no bairro do Catete, antiga sede da República Federativa do Brasil e centro do Estado, que a *gualín* do TTK se estabelece.

O fenômeno é caracterizado pela inversão silábica, em um mapeamento da direita para a esquerda, de palavras multissilábicas, majoritariamente dissílabas e trissílabas, com o intuito de criar uma linguagem codificada para driblar a repressão instaurada pela ditadura. Consolidada no Brasil por volta da década de 1960, a *gualín* tornou-se o elo entre a pichação, o funk, o rap e o skate, atuando como uma reafirmação da resistência e existência da identidade coletiva construída ao longo dos anos nesse território. Este presente trabalho propõe-se, então, a analisar a *gualín* do TTK como elemento constitutivo da identidade territorial e dos atores sociais do KGL - sigla para Catete, Glória e Lapa.

Hoje, o fenômeno assume uma posição de resistência e reafirmação cultural no território do KGL, visto que ele é incorporado, na maior parte das vezes, no cotidiano linguístico de pessoas que nasceram e cresceram nas comunidades nos arredores do bairro do Catete ou tiveram suas vidas influenciadas de alguma maneira pelo mesmo território. A *gualín* do TTK passa a ser o canal pelo qual pessoas que partilham a mesma identificação ideológica passam a se reconhecer uns nos outros, consolidando uma identidade social coletiva. Esse dialeto em especial é a validação de grupos sociais outrora marginalizados socialmente, como pichadores, funkeiros, rappers e skatistas. Não podendo analisar a *gualín* por uma perspectiva que exclua o papel da cultura urbana, é imperativo entender que esses grupos se apropriam do dialeto como reação às questões políticas que justificam seu uso primário.

A *gualín* do TTK alcançou a mídia brasileira por meio dos *rappers* que despontam na cena musical carioca, Filipe Ret, Sain, Marcelo D2 e BK são alguns desses nomes. Eles apropriam-se de estratégias midiáticas para potencializar, construir e legitimar a identidade do KGL, com letras de música que não apenas trazem o dialeto em ação como enaltecem seus lugares de origem. É assim que os processos de midiaticização influenciam os fenômenos sociais identitários a ponto de potencializar o processo de identificação entre as comunidades e seus

espaços de convivência, o que possibilita que pessoas de outros lugares reconheçam a existência e resistência dessas comunidades e grupos sociais.

À luz das noções de identidade social, coletiva e territorial propostas por Moita Lopes (2002), Castells (2018) e Bakhtin (2006), entende-se que a influência do território nas pessoas é grande ao ponto de impactar a construção identitária individual dos atores do KGL, essa que não é devidamente formada sem a validação e o reconhecimento dos outros membros desse território. Sendo assim, identidade coletiva e individual tornam-se uma só conforme os sentidos simbólicos do território são solidificados.

Todos esses termos teóricos baseiam-se na união de pessoas diante de objetivos e gostos comuns. É um movimento social que busca evidenciar como interesses e motivações ideológicas em comum são capazes de criar laços sociais que ultrapassam a individualidade identitária e construir um vínculo coletivo de reconhecimento e validação. Além disso, as comunidades digitais e as mídias sociais estão conquistando adeptos à *gualín* do TTK que sequer moram ou já passaram por aquele lugar.

No capítulo 1, o trabalho contextualiza a história do bairro do Catete e sua relação com os vizinhos Glória e Lapa, para construir o contexto de criação da *gualín* do TTK. Além disso, é apresentada uma estruturação morfológica e fonética do dialeto e o papel dele na resistência cultural dos bairros Catete, Glória e Lapa. No capítulo 2, discute-se como a identidade social coletiva e o processo de construção identitário individual se relacionam com os contextos simbólicos aos quais o discurso se refere. No capítulo 3, a influência da indústria artística e do processo de mediatização no fortalecimento da identidade do KGL são analisados, bem como a perpetuação da *gualín* do TTK como um símbolo de resistência histórica para além de linguístico. A monografia encerra com algumas considerações sobre a resistência e a transformação do processo de identificação entre as comunidades e seus territórios de convivência decorrentes das múltiplas intencionalidades linguísticas da *gualín* do TTK.

1. O CATETE COMO PONTE ENTRE CENTRO E ZONA SUL

Este primeiro capítulo traz uma contextualização histórica do bairro do Catete e investiga alguns fenômenos que possibilitaram a criação de uma identidade geográfica consistente, incluindo o uso de uma linguagem própria, conhecida como *gualín* do TTK. Trata-se de uma gíria na qual se inverte a ordem das sílabas do português: *gualín*, assim, se refere à “língua” e TTK é a abreviatura de KTT, forma comum de se referir ao bairro onde é falada. Além disso, o entendimento de como o território da cidade influencia na construção e manutenção de uma identidade social é analisado como ponto fulcral da influência da *gualín* no cotidiano dos seus falantes, bem como as motivações que permeiam o uso de tal dialeto em determinados contextos sociais.

O rap, o hip hop e, mais especialmente, o xarpi - inversão silábica da palavra “pixar”, são objetos que trazem o dialeto como um elemento identitário muito potente, de modo que cada um desses elementos culturais utiliza a língua como uma forma de decodificação particular. O papel da *gualín* do TTK, no entanto, é conectar comunidades outrora marginalizadas não somente à cidade, mas principalmente entre elas. Hoje, a *gualín* resgata a resistência cultural desses grupos pertencentes à região entendida como KGL, sigla para os bairros do Catete, Glória e Lapa, visando levá-la para fora dos limites das comunidades e possibilitar que pessoas de outros grupos e realidades sociais a conheçam e reconheçam sua relevância para a construção da identidade linguística da cidade.

1.1 O bairro do Catete como centro do Brasil

É notório que os bairros Catete, Glória, Centro e Lapa trazem, em suas ruas, becos e vielas, uma boa parte da história do Rio de Janeiro. Seja pelos centros culturais, museus ou construções antigas, as evidências de que os arredores desses locais guardam uma importante parte da memória do Brasil são palpáveis. Tão certo como uma esquina é o limite de um bairro e começo do outro, de modo que às vezes é difícil distinguir o que é Catete e Glória, por exemplo, alguns elementos culturais também constroem as conexões entre os bairros citados anteriormente.

Agora, falaremos do Catete, que dentre os quatro bairros traz para a história do Rio de Janeiro o capítulo em que se estabeleceu como a sede do Governo da República do Brasil e acomodou a família do chefe de Estado, entre 1896 e 1960. Nos dias atuais, o Catete é visto como um bairro de classe média, embora também seja retratado como “subúrbio da zona sul” de acordo com seus moradores, e abriga em seu entorno duas comunidades importantes para a

construção da identidade do bairro: o morro do Santo Amaro e a comunidade Tavares Bastos. Assim, o lugar atua como um bairro de passagem entre as comunidades e a praia.

A sua via principal, Rua do Catete, é repleta de comércio formal e informal, bem como pichações e grafites, certamente essa rua é tão antiga quanto a história é capaz de contar, uma vez que o “Caminho do Catete”, outra denominação dada para a tal rua, já existia antes dos portugueses chegarem ao Rio. Relatos históricos apontam que o local era habitado pelos índios tamoio, da aldeia do Uruçumirim, que é o povo indígena do tronco tupi que habitou o litoral brasileiro por mais tempo. Além disso, o caminho sediou a batalha entre portugueses e tamoios, iniciada em 20 de Janeiro de 1567, por esse território da cidade. Assim, a aldeia de Uruçumirim, como era chamada a atual região que se estende da praia do Flamengo ao bairro da Glória, foi um dos maiores marcos territoriais para a mudança do rumo da história da colonização e a consolidação da fundação da cidade.

O bairro foi denominado e codificado oficialmente por meio do Decreto número 3158. Nele, o Catete é reconhecido como parte da 4ª região administrativa de Botafogo, que compreende, além desse, os bairros Flamengo, Glória, Laranjeiras, Cosme Velho, Botafogo, Humaitá e Urca.¹ Situado entre o Centro da cidade e a Zona Sul, o Catete carrega características de ambas as regiões em sua formação identitária, se consolidando, portanto, como a ponte entre essas localidades. Além disso, o bairro da Lapa, também conhecido por sua forte influência cultural nos arredores, só foi criado pela Lei nº 5.407, de 17 de maio de 2012, atendendo às demandas sócio-culturais dessa localidade. Antes desse decreto, a região era compreendida como parte integrante do Centro.

A construção do Palácio do Catete, hoje sede do Museu da República, foi um marco que trouxe ainda mais prestígio para o bairro, visto que o monumento se tornou a sede da República Federativa do Brasil em 1897, e perdurou até 1960, quando a capital foi transferida para Brasília. Essa instalação possibilitou que o bairro fosse protagonista de intensas articulações políticas, se tornando um enorme centro de representatividade no assunto.² O palácio é um dos 17 museus tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, e foi um dos primeiros imóveis a ser protegido pela instituição no país.

A propriedade não é apenas um dos maiores símbolos do Catete, mas também uma representação do poder econômico nos séculos XIX e XX. O comerciante e fazendeiro de café

¹ Decreto n.º 3158 de 23 de julho de 1981. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www2.rio.rj.gov.br/smu/buscafacil/Arquivos/PDF/D3158M.PDF>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

² Dados retirados na página do Museu da República no site oficial do Governo do Brasil. Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/>. Acesso em 07 de agosto de 2022.

Antônio Clemente Pinto, Barão de Nova Friburgo, foi o responsável pela arquitetura do monumento, que foi consagrado pela sua grande importância histórica, arquitetônica e artística.

Erguido no Rio de Janeiro, então Capital Imperial, tornou-se símbolo do poder econômico da elite cafeicultora escravocrata do Brasil oitocentista. (...) Em 18 de abril de 1896, durante o mandato do presidente Prudente de Moraes, à época exercido em caráter interino pelo vice Manuel Vitorino, o Palácio foi adquirido pelo Governo Federal para sediar a Presidência da República, anteriormente instalada no Palácio do Itamaraty. Sede do Poder Republicano por quase 64 anos, 18 presidentes utilizaram suas instalações. Coube a Juscelino Kubitschek encerrar a era presidencial do edifício, com a transferência da Capital Federal para Brasília em 21 de abril de 1960.³

A transformação do Catete como palco do protagonismo nacional, juntamente com as estreitas delimitações territoriais com os bairros vizinhos, possibilitou que o bairro fosse produto de fervorosas manifestações culturais no início do século XX. Berço para personalidades ilustres como o escritor Machado de Assis, a imperatriz Carlota Joaquina e a cantora Carmem Miranda, e *point* de rodas culturais, como a do KGL (tríade Catete, Glória e Lapa), o bairro se estabelece como armazém cultural para as novas gerações da cidade e conseqüentemente do país. Na área em que tradição e contemporaneidade se misturam, do realismo brasileiro à linguagem do picho, hip hop e rap, o Catete, ou intimamente apelidado KTT, abre espaço para que a arte, a música e o audiovisual recontem a história do bairro e reafirmem a identidade catetiana.

Assim, a atuação do bairro como capital federativa aliada à burguesia festeira dos bairros vizinhos, por meio das esferas intelectuais e literárias, proporcionou, tardiamente, a produção de uma reflexão sobre o território da cidade e a importância da preservação da sua singularidade cultural. De certa forma, essa consideração altera o olhar sobre o conceito de território e as características que envolvem sua multiplicidade, uma vez que espaço e território não podem ser concebidos da mesma maneira. O autor Claude Raffestin (1993) apresenta o conceito de território como uma incorporação do espaço pela ação social de múltiplos autores, enquanto espaço é alusivo ao patrimônio natural pertencente a uma determinada região. Assim, ainda que o espaço seja anterior ao território, ambos incorporam as relações e microdisputas de poder entre os atores daquele espaço, resultando, enfim, em uma identidade territorial imbricada aos limites geográficos e/ou espaços socialmente delimitados. Por fim, o surgimento dessa identidade interligada ao território é o produto de uma ação social igualmente abstrata e concreta que consolida a apropriação espacial, física e cultural, como uma construção social.

Posto isso, é preciso entender que as instituições de poder, principalmente as

³ Dados retirados na página do Museu da República no site oficial do Governo do Brasil. Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/>. Acesso em 07 de agosto de 2022.

dominantes, também são objetos influenciadores da identidade. O maior símbolo do Catete, o palácio da República, foi um grande fomentador para a popularização da *gualín* do TTK. Afinal, a combinação do período de ditadura militar e a sede da república foi uma grande justificativa para a criação de um dialeto que objetiva driblar as autoridades nacionais. Era preciso falar em código para resistir e garantir a segurança da família e de si mesmo. Sendo assim, mais do que a necessidade de uma identidade coletiva territorial, a urgência era sobreviver.

À luz da discussão promovida por Coelho e Mesquita⁴ de que língua, cultura e identidade são conceitos intrínsecos, podemos compreender que um modo de vida regido pela língua favorece ao indivíduo a passagem por diversos processos de identificação e desidentificação com aquilo que o interpela. Assim, se a cultura for vista como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55),⁵ língua, identidade e cultura são conceitos inerentemente conectados porque é por meio da língua que a cultura se desenvolve e se difunde. Além disso, é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação. Essas relações são silenciosas e construídas ao longo da vida, acompanhando a nossa estruturação como seres sociais, e ainda que conhecimentos e ideologias sejam concebidos diariamente, a construção de língua, cultura e identidade acontece de forma ininterrupta.

Se a língua rege, então, todas as ações e pensamentos humanos, permitindo que o indivíduo influencie e seja igualmente influenciável pelo discurso, é indiscutível que ela é o objeto permeador das relações sociais, permitindo que o indivíduo participe, propriamente, de um determinado espaço social. Hoje a intencionalidade discursiva da *gualín* do TTK não é apenas criar uma camuflagem no contexto urbano para fugir das autoridades, mas sim mostrar que na incompreensão resiste a identidade de um grupo social e de um território. Visto que a maior parte dos falantes desse dialeto são moradores das comunidades do Catete e arredores, e não da parte abastada do bairro, a *gualín* se consolida como a resistência cultural e histórica desse povo.

A *gualín* do TTK foi instaurada no Rio de Janeiro com o intuito inicial de escapar da repressão trazida pela ditadura militar no Brasil, ou seja, era uma forma de se camuflar em meio à cidade e manter a liberdade de expressão, ora censurada pelo regime militar. Fazia-se necessário um dialeto que fosse facilmente ensinado, mas dificilmente decodificado, por isso a *gualín* do TTK é caracterizada pela inversão de sílabas. Limão torna-se “mãoli”, leão passa a

⁴ COELHO, Lidiane Pereira; DE MESQUITA, Diana Pereira Coelho. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Entreletras*, v. 4, n. 1, 2013. Acesso em 31 ago.

⁵ EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005

ser “ãolê” e tantas outras palavras seguem o mesmo padrão. Em entrevista concedida exclusivamente à autora deste trabalho, Jaxwell, morador do bairro do Catete e idealizador do Movimento TTK, projeto social que utiliza o esporte e a cultura urbana como incentivo para o desenvolvimento artístico e profissional de jovens nas comunidades do Catete, explicou que o dialeto possui algumas limitações morfológicas, como é o caso de palavras mono e polissilábicas. Palavras de apenas uma sílaba não contemplam a regra principal do dialeto, de modo excepcional, portanto, aplica-se a inversão das letras em casos de palavras que não possuem encontro ditongo ou tritongo, como exemplos abaixo:

dez	>>	zed	{zede}	[‘zɛ.dʒɪ]
dor	>>	rod	{rode}	[‘hɔ.dʒɪ]
gol	>>	log	{logue}	[‘lɔ.ɡɪ]
luz	>>	zul	{zul}	[‘zuw]
mal	>>	lam	{lam}	[‘lã] ⁶

Já as palavras com mais de quatro sílabas, por serem mais difíceis de produzir rapidamente, tendem a ser substituídas ao máximo por palavras dissílabas e trissílabas, assim, conhecer sinônimos é fundamental. A *gualín* do TTK é uma linguagem de rua, em função disso, precisa ser estruturada em frases curtas e busca manter a fidelidade fonética das sílabas. Assim, a sílaba tônica é alterada conforme a reorganização da palavra é construída, exemplificando temos a palavra /ra’pido/, uma proparoxítone acentuada, que passa a /dopira’/ na *gualín* do TTK, uma oxítone. Outro fator interessante é que a pronúncia do fonema / ra / não muda, dessa forma a consoante [r] continua com as seguintes características: vibrante, alveolar e sonora. Desse modo, em relação à gramática da *gualín* é possível afirmar que:

Em palavras multissilábicas, o TTK aponta para a criação de pés iâmbicos (HAYES, 1995)⁷ à direita da nova formação, independentemente de a sílaba final ser ou não marcada [...], o que caracteriza o produto sempre como oxítono, a despeito de a palavra-matriz ter ou não acento na última sílaba. [Ou seja], No TTK, sempre emergem outputs oxítonos. (VITAL, p.12, 2020).

Por fim, é evidente que a *gualín* preza pela manutenção da forma original da palavra no momento de criar seus *outputs*, não importante a quantidade de sílabas da palavra, uma vez que

⁶ Dados retirados do trabalho de conclusão de Felipe Vital sobre a morfoprosódia do TTK. VITAL, F. DA S. **Uma análise otimalista da morfoprosódia da linguagem TTK**. pantheon.ufrj.br, 2020. Acesso em: 31. ago.

⁷ Segundo Hayes (1995), o pé pode ser compreendido como o menor constituinte na estrutura métrica, responsável pelos padrões de acento nas palavras. Para o autor, há três tipos de pés: o iambo, o troqueu mórico e o troqueu silábico, utilizados para sistematizar e parametrizar a estrutura rítmica das línguas. O pé iâmbico pode conter duas ou três sílabas, de modo que a mais forte esteja sempre à direita e o mais leve à esquerda. Disponível em: HAYES, Bruce. **Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

o produto linguístico parece ser originado diretamente da forma escrita do português, isto é, a palavra vem pronta do sistema linguístico. Por ser um dialeto das ruas, a *gualín* é muito mais falada do que escrita, e uma vez que tentamos ilustrá-la graficamente, é possível perceber que as concepções e execuções de representações fonéticas e fonológicas são concebidas simultaneamente, uma como produto da outra.

1.2 O KGL como potência e resistência cultural

Considerando o que foi exposto anteriormente, é possível compreender que a conexão de ruas e histórias no entorno do Catete foi transformada em um símbolo de cultura de rua territorial com o passar do tempo. Hoje, a região constituída pelos bairros Flamengo, Catete, Glória e Lapa, é reconhecida entre os grupos de picho, slam, rap e skatistas pela sigla KGL, e tem como uma de suas principais características ser o conector cultural entre a abastada zona sul e o histórico Centro da cidade.

A *gualín* é um legado deixado pela rua, principalmente, para as pessoas que vivem nas comunidades do KGL, é a herança social passada por gerações por aqueles que ainda vivem à margem da sociedade. Ao subir algumas ruas do Catete, como a Cruzeiro do Sul e a Pedro Américo, entramos nas comunidades Tavares Barros e 715, respectivamente, e logo somos transportados para uma outra faceta do bairro. Os muros são cobertos de graffiti e a *gualín* do TTK corre solta pela boca dos moradores, dos mais jovens aos mais velhos, não há dúvidas: o dialeto é herança viva.

Figura 1 - Favela do Santo Amaro



Fonte: Site do Movimento TTK

Posto isso, debruçar-se sobre os fenômenos da pichação, do hip hop e do rap no cenário carioca é essencial para construir a relação cultural construída pela região do KGL e entender onde reside o dialeto do TTK. Tal como a *gualín* é reconhecida nas comunidades como a

linguagem da rua, o xarpi - inversão das sílabas da palavra pixar na *gualín* do TTK – é visto da mesma maneira. Inclusive, é quase impossível falar sobre um assunto sem tocar no outro. Se por um lado a *gualín* é a linguagem da rua, o xarpi também é, afinal, a arte que pinta os muros tem como objetivo a marcação de território, não a poluição visual.

Um dos pontos que aproxima o xarpi e a *gualín* é o fato de que a escrita trazida pelos pichadores é um código linguístico acessível para os membros daquele grupo social, de modo que quanto mais difícil for a leitura, mais protegida estará a identidade do sujeito autor. Assim, ainda que haja a comunicação com a cidade, a verdadeira intenção do xarpi e do dialeto aqui estudado é criar uma comunicação entre os sujeitos produtores desses dois objetos culturais. Agora, permita-me direcionar o seu olhar para os muros da cidade. Uma vez situado, imagine um local repleto de pichação. Faça uma pausa de alguns segundos. Quais bairros e/ou localidades imaginou? Algum na Zona Sul do Rio de Janeiro? Bom, prepare-se para viajar para as ruas do Catete na década de 1960.

Se nos dias de hoje o xarpi já é marginalizado, como deveria ser, então, na época da ditadura? Não é novidade que a pichação ainda é considerada crime ambiental, prevista pela lei 9.605/98, artigo 65 e incisivos⁸. Diferente do graffiti, por exemplo, a pichação é vista como uma forma de degradação da paisagem urbana, sem qualquer contribuição artística. Por isso, utilizar uma linguagem ligeira e codificada era a chave de comunicação para os pichadores. É através da *gualín*, portanto, que pichadores podiam alertar uns aos outros sobre a presença de policiamento, falta de material, ideias de desenho e outras coisas correlatas.

Pichar nos limites do palácio da República era um campo minado, uma vez que se pegos em flagrante era impossível prever a natureza da punição. Por outro lado, junto com o regime militar veio a repressão e a censura, e o povo precisava reivindicar seu espaço naquele território de alguma forma. O xarpi é o grito silencioso de um grupo social marginalizado e uma resposta para a organização estética artificial da cidade. Afinal, a preocupação com a estética das letras ou a compreensão de leitura, uma característica ainda presente nos pichos espalhados pela cidade, é propositalmente nula, visto que essa foi uma das formas encontradas para driblar a repressão instaurada pela ditadura. Além da mensagem ininteligível, o xarpi destoa da paisagem projetada para a cidade, evocando uma visão de descontrole e desrespeito às autoridades para aqueles que não entendem a manifestação artística e nem se esforçam para tal.

A decodificação linguística é uma marca periódica e potente da construção identitária

⁸ Dados retirados do site da Jusbrasil. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104091/lei-de-crimes-ambientais-lei-9605-98>. Acesso em: 5 ago.2022.

do KGL. Dessa forma, o xarpi atua, muitas vezes, como um meio de conectar a comunidade às demais expressões artísticas, como a *gualín* do TTK, o hip hop e o rap, e arrebanhar pessoas que não fazem parte daquele lugar, a fim de torná-las membros desses grupos sociais, ou, como é o caso da autora que vos fala, apresentar a influência desses objetos no meio. Isso possibilita que a história do território e as vozes das pessoas que o compõem sejam ouvidas, expandindo não somente a possibilidade de estudo de e sobre eles, mas rompendo os preconceitos reforçados pela sociedade de que as atividades artísticas anteriormente citadas são relacionadas à baderna ou até mesmo que a pichação é a marca registrada da criminalidade da cidade.

Seguindo a filosofia de dar voz às minorias e chamar a atenção ao que muitas vezes passa despercebido aos olhos da sociedade, o hip hop chega para tomar seu espaço na resistência cultural. O poder das palavras grifadas no xarpi é o mesmo encontrado nas rimas do rap, e personifica os sentimentos, angústias e vivências de toda uma comunidade. O hip hop chegou ao Brasil na década de 1980, na cidade de São Paulo, com fortes influências de Nova York, e se instalou nas periferias da capital paulista. Quase sempre acompanhados por passos de dança e uma batida que resgata os *breaks* das músicas de funk e soul, o estilo musical carregou durante muito tempo a fama de incitar e reforçar a violência nos subúrbios. Hoje, ainda que a visão direcionada para o hip hop esteja mudando, esses estereótipos continuam sendo reproduzidos por uma parcela dos grupos sociais.

Com o passar dos anos, a cultura urbana e a arte de rua se expandiram na cena brasileira, proporcionando que localidades como o Catete pudessem conquistar seus lugares de destaque no painel cultural do país. Ao misturar relações sociais e manifestações político-sociais, os bailes funk das favelas que rodeiam o bairro carioca e perpassam o xarpi e o rap, principalmente, fomentam nos jovens da localidade a busca pela expressão de opinião, a liberdade artística e demais subterfúgios que os possibilitem a comunicação com o entorno. O baile do Santo Amaro, por exemplo, bastante conhecido ainda nos dias atuais, é um desses locais de resistência, bem como o ponto de partida de artistas que utilizam suas plataformas sociais e trabalhos para dar voz à comunidade e atuarem como representantes desse grupo marginalizado no meio audiovisual.

Ademais, é possível perceber que o território possui uma forte influência nas composições de artistas e integrantes da cena cultural urbana carioca, desde as décadas de 1980 e 1990. Grafiteiros como Remela e Joint trazem em seus nomes artísticos e na assinatura a marcação do “ttk”. Já os produtores e artistas musicais, como Mãolee, BK, Sain, Marcelo D2 e Filipe Ret, também externalizam a conexão direta com a localidade. Todos eles trazem em suas manifestações culturais fragmentos e características do KGL, principalmente do Catete, seja

nos desenhos que cobrem os muros ou nas letras das músicas disponíveis nos principais serviços de áudio e vídeo. Assim, a tríade descrita nesta subseção passa de espaço público utilizado para a expressão artística, para fonte de inspiração. Os bairros reassumem, então, sua posição de protagonismo e resistência, atuando, inclusive, como conexão de vários artistas formados pelo meio.

Em uma entrevista à revista VICE, o rapper Marcelo D2 conta como a sua chegada no Catete, ainda na adolescência, foi um marco impactante. Uma de suas falas traz a riqueza cultural do ambiente em consonância com as heranças deixadas pela performance das manifestações artísticas já comentadas neste trabalho no processo de construção identitária dos moradores.

“Eu botava nome, era pixador, pixava ZIC, a pixação ali sempre foi forte. Sou da época do Vinga (considerado o pixador mais lendário do Rio), e eu nem sabia que pixação e grafitti tinham a ver com a cultura hip hop, fui descobrir essa ligação no Catete. (...) Outra parada interessante era como geral falava a *gualín* do TTK, mudando a ordem das palavras, e virou uma língua do bairro, da pixação.”⁹

Outro momento da entrevista mostra como a reafirmação territorial é importante para esses artistas. Ainda na apresentação do produtor musical Mãolee, criado na Rua Cardoso Júnior, é descrita a importância de que sua origem seja lembrada e marcada como tal: “Eu não sou de Laranjeiras, sou da Cardoso”. O logradouro, que está passando por um processo de favelização nas últimas décadas, é reconhecido não oficialmente como parte do Morro Mundo Novo, que se estende de Laranjeiras a Botafogo. O produtor enfatiza, ainda, que a rua em questão é o subúrbio da Zona Sul e a cultura de lá é diferente da predominante do restante do bairro, sendo mais próxima à cultura do Catete, provavelmente por causa da relação estabelecida com os moradores das favelas do Prazeres e Cerro Corá.

É importante mencionar que tentativas de conceituar ou explicar o desenvolvimento das identidades coletivas na cultura urbana estão frequentemente associadas aos estudos sociológicos dos movimentos sociais e as disputas de poder. No livro “O Poder da Identidade”, o sociólogo Manuel Castells apresenta a teoria de que identidades locais podem entrar em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, assim é possível inferir “que ambientes locais, *per se*, não induzam um padrão específico de comportamento ou, ainda, justamente por isso, uma identidade distintiva.” (CASTELLS, p. 132, 2018).

Posto isso, os indivíduos tendem a se agrupar em organizações que geram um sentimento de pertencimento e partilha, gerando, em muitos casos, uma identidade cultural

⁹RIBEIRO, Rudah. **Uma história oral do TTK**. Vice, nov. 2015. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/gy3ngq/uma-historia-oral-do-ttk>>. Acesso em: 7 ago. 2022

sólida. Isso fica ainda mais evidente quando Mãolee finaliza seu discurso com a afirmação de a cultura em que está inserido é marginal, pixação e sorradeira, ainda que ele esteja se referindo a uma expressão cultural de um território distinto daquele em que nasceu, foi criado e, até certo ponto, rejeita.

2. A LINGUAGEM E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Ainda que a construção da identidade possa ser analisada por diferentes perspectivas, como será visto ao longo deste trabalho, a atual seção se compromete a analisar a reconstrução da identidade linguística através da história e da geografia, e, principalmente, das instituições e relações de poder que permeiam a sociedade brasileira, em consonância com a construção identitária territorial do KGL. Uma vez que essas relações de poder causam tensões em determinados grupos sociais e espaços, é imperativo analisar a apropriação simbólica do território e a inclusão de uma dimensão identitária a ele provocada por esse tensionamento.

Assim, compreender que a identidade social não é manifestada diretamente do indivíduo, mas sim da interação entre os indivíduos em contextos sociais distintos e práticas discursivas específicas é um dos pontos-chave para imbricar a perspectiva bakhtiniana de que o enunciado já nasce como resposta a outros enunciados, de modo que até os enunciados individuais estão vinculados a uma reação-resposta ativa das demais pessoas envolvidas na interação.

2.1 Bakhtin e as identidades sociais

Ao falarmos de comunidade, é imprescindível que haja uma correlação entre esta ideia e o conceito de identidade social coletiva. Afinal, o senso de pertencimento a um determinado grupo social é um aspecto essencial da identidade individual de uma pessoa. Isso posto, Moita Lopes (2002) afirma que as identidades sociais compreendem um conjunto de traços identitários que coexistem, e, em diferentes contextos, a depender de a quem se dirige, podem possibilitar que o enunciador componha a sua própria identidade de maneira heterogênea, às vezes contraditória. Assim, é possível compreender que nossa existência é, então, o produto da combinação de discurso e diálogo em um determinado contexto social.

A presente investigação da *gualin* do TTK possibilita um entendimento panorâmico de como as escolhas morfoprosódicas para a organização desse dialeto fortalecem a intencionalidade discursiva inicial dele: criar uma camuflagem dentro do contexto urbano baseado, sobretudo, na incompreensão. Ao relacionar tal fato com a declaração de Bakhtin (2006, p.295) de que “nenhum enunciado é neutro, visto que nossas produções enunciativas são

de natureza ativamente responsiva”, é válido enxergar o discurso como uma construção social e, simultaneamente, analisar como os falantes participantes de determinado grupo exercem suas funções políticas e sociais na sociedade através dos tempos e contextos, construindo não somente suas realidades pessoais intrínsecas à comunidade.

Em muitas localidades, os grupos de xarpi são o primeiro contato que os jovens têm com algo próximo à identidade coletiva. Assim, ações primárias nesse espaço, como, por exemplo, o recebimento de nomes e assinaturas singulares, agem como uma nova identidade perante à sociedade. De acordo com Johnson (1973 *apud* Lopes, 2002, p.35), “a identidade é o que você pode dizer que é de acordo com o que dizem que você é”, o que se alinha com a afirmação de Moita Lopes (2002, p.35) de que “as identidades não são escolhidas, mas são inscritas em relações discursivas de poder específicas nas quais são construídas”. Essas identidades, no entanto, podem - e muitas vezes o fazem - atravessar épocas e contextos sociais diferentes, solidificando-se e caracterizando-se à medida em que os indivíduos se relacionam entre si.

De todo modo, se a *gualín* do TTK nasce do contexto histórico e político da ditadura, utilizando a estratégia da camuflagem para possibilitar que as pessoas pudessem conversar livremente nas ruas sem que as autoridades da policiais entendessem do que se tratava o assunto, o xarpi se apropriou do dialeto por proximidade às questões políticas que justificavam o uso da *gualín*, de modo a construir sua realidade social e as identidades coletivas de seus integrantes. Seguindo a ação discursiva trazida por Wertsch (1991, citado por Lopes, 2002), os seres humanos criam seus mundos sociais e a si mesmos por meio das ações sociais nas quais se engajam, ou seja, a interação é a chave para a construção de significado para o que vivenciamos e entendemos como identidade coletiva. Portanto, de acordo com Shotter (1989 *apud* Lopes, 2002, p.31)

Nessa perspectiva do discurso como ação, a análise dos diferentes meios usados pelos participantes para agir no mundo através do discurso é tão importante quanto a análise dos significados construídos nesse processo, já que dá acesso a como os participantes veem o mundo e a si mesmos no mundo.

Posto isso, o conceito bakhtiniano de linguagem entende que linguagem, língua, história e sujeito são inseparáveis, uma vez que a produção de sentidos na linguagem é necessariamente apoiada nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados (Bakhtin, 2006, p.10). Além disso, o próprio discurso é construído com base no contexto social em que o texto se desenvolve. Ou seja, a ideologia presente nessa construção linguística é afetada por fatores políticos e sociais no meio em que o seu autor vive. O texto, por outro lado, só pode ser assim denominado se o seu destinatário puder compreender o sentido a ele atribuído, e é

responsabilidade do emissor fornecer contexto para a construção de seu enunciado. Por isso, a emissão, a recepção e a compreensão é a tríade basilar para a existência da comunicação verbal. Sendo assim, é interessante como uma linguagem baseada na incompreensão existe e resiste principalmente no contexto oral.

Em uma visão sociológica do discurso, Bakhtin concentrou-se no fato de que o discurso verbal nunca ocorre fora do fluxo da interação social. Dessa maneira, os enunciados produzidos são buscados na história, na vida, na cultura, no contexto e nos saberes compartilhados entre os participantes, constituindo sua identidade. Assim, a construção identitária ocupa um lugar sócio-histórico, nascido das relações entre sujeito e sentido, e muitos de seus efeitos se dão em encontros estabelecidos em contextos únicos, ou seja, situações específicas que influenciam as práticas discursivas em um processo de evolução contínua. Em função disso, o discurso é entendido como um meio pelo qual o sujeito interage com o outro, avalia a si e aos outros, e analisa como o outro pensa sobre si mesmo, provocando um processo de construção e reprodução ininterrupta da identidade.

À medida que internalizamos constantemente a fala do outro, por meio da expressão, “compreendida como réplica do diálogo social, unidade de base da língua, discurso interior ou exterior” (Bakhtin, 1981, p. 17), a linguagem passa a apresentar um caráter distintivo, com muitos pontos de vista. Portanto, nenhum discurso pode ser atribuído exclusivamente à pessoa que o pronunciou, pois é produto da interação dos falantes em uma situação social definida. O outro não é um falante moderado, que se sintetiza apenas na compreensão do falante, ele reage e se atualiza por meio de reações externas ou internas, baseadas em critérios morais, cognitivos, culturais, políticos, entre outros.

2.2 A construção da identidade nas ruas

Para analisar o papel da identidade coletiva na construção identitária urbana, é preciso entender que ela é produzida pelos determinantes do contexto simbólico que a permeia, bem como seu significado para aqueles que com ela se identificam (Castells, 2018, p. 63). Ou seja, seu caráter coletivo está relacionado à necessidade de validação e compartilhamento pelos membros de um determinado grupo. Castells (2018) argumenta, ainda, a construção identitária por meio de três vetores: identidade legitimadora, identidade de projeto e identidade de resistência. Nesse sentido, o presente objeto de análise, a *gualín* do TTK, será enquadrada nos dois últimos tipos, com maior foco na identidade de resistência.

Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de

resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade (...) Ele dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência. (Castells, 2018, p.63)

Os grupos de xarpi, as tribos de rap e as rodas de slam são alguns exemplos de comunidades estruturadas ao redor da *gualín* do TTK. Essa resistência, tanto linguística quanto cultural, propicia a identificação coletiva em prol dos mesmos princípios. Dessa forma, é possível entender que a língua atua como uma representação do todo pela parte, construindo uma identidade de caráter defensivo que visa reverter os juízos de valor instaurados socialmente e reforçar um local de resistência e pertencimento.

Hoje, a *gualín* do TTK também é letra de música, como é o caso da composição “Gonê”, do rapper e compositor Filipe Ret, nascido e criado no Catete. A música, lançada em 2018 no álbum *Audaz*, resgata a herança linguística do cantor e apresenta o dialeto para o grande público, mostrando que a *gualín* do TTK não é apenas uma marca exclusiva da região do KGL, mas sim um produto dela. Dessa forma, percebe-se que as identidades de resistência são capazes de formar não apenas comunidades, mas também as conhecidas identidades de projeto, reconhecidas pela formação de sujeito, definido por Alan Touraine (1995 *apud* Castells, 2018 p. 65) como:

... o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da vida individual... A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades e a dos indivíduos contra o mercado.

Decerto, pode-se inferir que esses sujeitos coletivos são conscientes do seu espaço social e empenhados em redefini-lo e desenhar uma nova organização social. A construção da identidade é um projeto de criação de um “segundo eu”, principalmente quando o aspecto abordado é o linguístico, visto que os falantes não precisam estar em seus lugares de origem para reproduzir um determinado discurso ou, nesse caso, um dialeto. Assim, nossas identidades sociais são construídas por meio das nossas práticas discursivas com o outro, ou seja, “as pessoas têm suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso - no seu próprio ou nos discursos dos outros (Shotter e Gergen, 1989 *apud* Lopes, p.32).

A importância de uma construção identitária pautada pela resistência passa, portanto, por uma posição defensiva em relação às instituições e ideologias dominantes, reforçando os limites da resistência. Assim, entender que as identidades locais são formadas por meio das

socializações e interações dos indivíduos, é reconhecer que diversas fontes de significado e reconhecimento social irão permear o processo construtivo da identidade, principalmente no âmbito social e coletivo.

Se por um lado a *gualín* foi criada e utilizada de maneira reativa frente às situações de dominação e repressão do período ditatorial nas décadas de 1960 e 1970, hoje ela se assume como um projeto de reconstrução identitária daqueles que se acolhem no dialeto como forma de reafirmação social, construindo uma nova identidade capaz de redefinir suas posições na sociedade. Por isso, pessoas como Mãolee e Marcelo D2 se sentem parte da identidade local do Catete, ainda que tenham vindo de outros lugares, posto que a identidade é um fenômeno dinâmico, resultante da interação constante entre uma determinada comunidade e o seu espaço relacional. Isso não nega, portanto, a existência de identidades estabelecidas em contextos históricos e políticos, mas evidencia a construção de valores identitários ao longo do tempo e dos espaços, tanto sociais quanto geográficos.

A construção ideológica é influenciada, mas não governada por, dimensões históricas, culturais e sociais. Paralelamente, as ideologias também são construídas subconscientemente ao absorver discursos do passado e perpetuar ideias e vieses de um determinado espaço-tempo. Dessa forma, ao compreendermos que a vida é regida por ideologias, desde as nossas relações sociais até a construção individual da identidade, é possível entender que tanto o discurso quanto a territorialização são objetos ideologicamente posicionados, portanto não neutros. É através da influência ideológica que os discursos atuam como ferramentas legitimadoras de ações de naturalização e normalização social, uma vez que os territórios também estão repletos de ideologias, e as relações de poder que os (re)constroem podem ser vistas como conflitos ideológicos igualmente inconscientes.

Para tanto, é essencial discutir a importância das ideologias na construção dos territórios, dos Estados e suas políticas públicas e na formação das identidades territoriais pertencentes a eles. Seja no âmbito linguístico, como é o caso da *gualín* do TTK ou em qualquer outra esfera da vida e da sociedade, tais construções se consolidam através da união entre consciência individual e coletiva, o que influencia e é influenciado pelos mecanismos que articulam essas identidades.

Assim, estabelece-se que as ideologias construídas de maneira consciente e inconsciente, repetidas e propagadas por meio de discursos e consumadas na estrutura dos territórios, são matéria-prima para a produção espacial, histórica e social das identidades. É no território que diferentes identidades são inter-relacionadas, sejam fluidas, fragmentadas ou transitórias, ainda que todas possuam características comuns que viabilizem uma identificação

social.

Em virtude disso, os grupos sociais inseridos nessa estrutura de poder multidimensional e assimétrica vinculam seus entendimentos e ideologias particulares ao território em que estão inseridos a fim de legitimar suas histórias, seus corpos e suas concepções. A identidade está, então, ligada a conceitos como territorialidade, ideologia e Estado, podendo ser utilizada como instrumento de controle territorial e validação de discurso, sem perder de vista seu papel fundamental na resistência a esses mesmos mecanismos de dominação.

Até hoje os moradores das comunidades no entorno do Catete se comunicam utilizando a *gualín* do TTK, e ainda que o contexto histórico tenha mudado, a persistência em se comunicar por meio dela é uma forma de manter a história do bairro viva e de reafirmar a verdadeira memória linguística do lugar. A seguir, discutiremos a definição do conceito de identidade territorial, bem como a importância dos papéis desempenhados por essa categoria identitária no reconhecimento dos falantes da *gualín*.

3. A GUALÍN DO TTK NA REAFIRMAÇÃO DO TERRITÓRIO

Este capítulo é dedicado à análise da influência da indústria artística na consolidação da identidade territorial do KGL e do TTK como uma marca identitária validada para além do âmbito linguístico e artístico. Para esta terceira parte, as teorias sobre os conceitos de territorialidade, territorialização e mediação servem de embasamento para compreender os desdobramentos da *gualín* do TTK na construção do ator social inserido no Catete e adjacências.

Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar o histórico de carreira de artistas que foram criados ou influenciados pelo Catete, desde a pichação até as rodas de rima nas ruas do Rio de Janeiro, e como eles utilizaram suas marcas e visibilidade para potencializar e fortalecer o pertencimento territorial nas mídias sociais. Em seguida, apresentar o projeto social que surgiu da ideia de levar o Catete e a *gualín* do TTK para fora das comunidades e como ele ganhou visibilidade com a iniciativa dos rappers da cena urbana de dar voz a um Catete antigamente escondido.

3.1 “Acri do TTK”: identidade territorial e a potência da indústria artística

Compreender as identidades territoriais é reconhecer o processo de territorialização no qual elas se inserem, uma vez que elas são responsáveis por gerar e controlar esse processo. É por meio da territorialização que a construção identitária nas comunidades é potencializada e os espaços de convivência passam a exercer uma posição de influência nos atores sociais. Dessa forma, não é possível discorrer sobre a territorialidade e seus agentes sem entender como o

valor agregado ao discurso é moldado pelos mecanismos de articulação escolhidos para identificar os atores locais, como é o caso da inversão silábica da *gualín* do TTK. Enfim, o produto dessa relação é capaz de criar núcleos de pertencimentos sobre os quais se compõe a identidade local, também entendida como identidade territorial.

Deve-se, portanto, conceber a construção da identidade territorial como algo multifacetado e mutável, em que a cada mudança desta realidade territorial, as identidades nela envolvidas também poderão ser modificadas. Paralelamente, os agentes envolvidos na construção e manutenção do território produzem símbolos específicos que possibilitam a identificação individual de todas as pessoas inseridas neste contexto. Quando a *gualín* do TTK se filia ao movimento do xarpi, às rodas de slam e aos cenários do rap e do hip hop nacional, não somente no campo linguístico, como a composição dos nomes artísticos e pseudônimos de seus membros, mas principalmente como elemento intrínseco a cada uma dessas subculturas, nota-se o surgimento de novas formas de identificação e a criação de uma identidade territorial.

Os processos e espaços de socialização estão cada vez mais diversificados e desconectados do ambiente original dos falantes, uma vez que as interações nos ambientes digitais estão cada vez maiores e englobando um maior grupo de pessoas de uma só vez. Além disso, é notável que na sociedade contemporânea todos os fenômenos estão sujeitos, em graus e formas distintas, à influência da mídia, visto a midiaticização intrínseca aos processos sociais. Sendo assim, a visibilidade midiática, principalmente relacionada a elementos marginalizados como é o caso do rap e o funk, ajuda a delinear a percepção dos atores sociais sobre a territorialidade e a organização simbólica dos territórios por meio da resignificação desses elementos.

Hoje, a *gualín do TTK*, o rap e o hip hop não pertencem apenas aos seus grupos e comunidades de origem, mas se expandem por meio de uma rede de conexões sociais que a interação física não alcança, basta abrir o YouTube e ver os números expressivos de visualizações nas músicas do Filipe Ret para constatar esse fato. “Gonê” e “Tributo ao TTK”, faixas compostas e produzidas na *gualín* do TTK, possuem juntas mais de 5 milhões de visualizações na plataforma audiovisual. Além do YouTube, elas também estão presentes em todos os maiores *streamings* de música da atualidade, como Apple Music, Deezer e Spotify. Nos comentários da plataforma de audiovisual, pessoas tentam se comunicar utilizando a *gualín*, muitas até arriscam aprender uma coisa ou outra sobre esse dialeto até então desconhecido, e é assim, indo além dos muros do Catete e das bocas dos moradores das comunidades do entorno do bairro que a *gualín* cria sua resistência cultural na sociedade digital contemporânea.

Assim, a construção de uma imagem identitária coletiva pode promover múltiplos significados acerca do território e estimular atividades socioeconômicas e socioculturais baseadas na diferenciação e na valorização cultural. Concomitantemente, as identidades territoriais podem servir de repertório ao qual se recorre e nos quais os elementos a serem incorporados em histórias sobre construção e projeção de identidades são escolhidos de acordo com as necessidades dos grupos sociais em determinados contextos de socialização. É justamente por meio desses processos identitários e da combinação de novos símbolos, muitas vezes escolhidos e ativados por relações de poder, que os atores sociais dão início à re(interpretação) e à resistência da história do território e das características que validam os indivíduos inseridos nessas localidades.

No minidocumentário “Tributo ao TTK”, apresentado pela Amazon Music e com direção criativa de Filipe Ret, o skate é colocado como elemento que trouxe vida ao palácio do Catete, como bem reforçado pelo skatista Ademar Lucas no documentário, “o skate é a ocupação do espaço”. Assim, o skate transformou o palácio em um ponto de encontro não somente para quem pratica o esporte, mas também para as pessoas que se interessam por cultura de rua.

Ao longo dos anos, com o crescimento da cultura urbana brasileira e da arte de rua, o Catete se consolidou como um espaço multicultural ao mesclar relações sociais com expressão político-cultural. O próprio Filipe Ret usa sua produção audiovisual para apresentar como os elementos do bairro construíram sua identidade enquanto artista, mas, antes disso, como parte da rua. Segundo Ret, “A primeira vez que eu fui reconhecido na rua como Ret, que olharam e falaram ‘É o Ret’, que me trouxe uma identidade na rua, foi através da pichação. Você ganha uma identidade, né cara? Quando você é pré-adolescente você procura uma identidade”.¹⁰

Com isso, fica ainda mais evidente que os elementos constitutivos da identidade do KGL são pautados na legitimação da resistência dos atores sociais nesses lugares, uma vez que atos marginalizados, e até mesmo proibidos, são componentes fundamentais do cotidiano dos moradores do Catete e adjacências. Além de representar um desafio às autoridades que regem as leis desses territórios, incluir a *gualín* do TTK nas manifestações culturais urbanas como a pichação, o rap e o funk é uma maneira de enfrentar os padrões estabelecidos na sociedade do que pode ou não ser validado como construção artística e se fazer reconhecer dentre os que de alguma forma contestam a maneira como a sociedade se organiza. É o que resumidamente é relatado no minidocumentário da Amazon Music.

¹⁰ Tributo ao TTK | Mini Doc - Amazon Music. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=COlicPw4WDO>

Em suma, a mídia passa a desempenhar um papel fulcral na legitimação do território do KGL, cuja potencialidade é influenciada pelas produções artísticas que circulam no meio digital. Elas não apenas mantêm vivas as características constitutivas da identidade desse lugar e das pessoas que atuam nele, como também aproximam pessoas que não estão inseridas nessa realidade social e territorial.

Nesse contexto, a visibilidade midiática colabora com a construção de uma identidade coletiva vinculado ao território e os atores sociais a partir da projeção dos elementos identificadores desse território a fim de despertar sensibilidade e curiosidade na audiência externa, seja como consumidora, apreciadora ou crítica. Com isso, a *gualín* do TTK junto ao rap, o funk, o skate e a pichação atuam como produtos qualificadores do KGL, e estão cada vez mais intrínsecos à sociedade urbana.

3.2 TTK como marca registrada

Apesar da construção da *gualín* do TTK como marca da identidade territorial do KGL, a sigla que nomeia o bairro do Catete agora é reconhecida judicialmente. Esse foi um feito de Jaxwell Santos Nascimento, fundador do Movimento TTK, projeto social que reforça a identidade e o reconhecimento da cultura urbana nas comunidades do Catete por meio de atividades voltadas para o público jovem. Em entrevista concedida a esta autora, Jaxwell conta que o projeto possui várias camadas e progressões, começando pelo Sementes do Bem, o segmento voltado para crianças que busca a valorização do espaço da comunidade, principalmente aqueles que se encontravam abandonados há tempos.

O programa visa seguir a agenda 2030 da ONU e conta com sete modalidades de esporte ofertadas para crianças e jovens: parkour, *break dance*, slackline, jiu-jitsu, natação, skate e o futsal. Assim, o Movimento TTK nasce com o propósito de atribuir um valor positivo à rua e aos jovens que moram nas comunidades daquele território, utilizando a arte como ferramenta principal deste trabalho. A paixão por desenhar vira grafite e o celular se transforma em objeto de documentação e registro audiovisual para impulsionar esses jovens a enxergarem e valorizarem a resistência cultural do lugar onde vivem.

Com isso, ladeiras e vielas que ora estavam sem vida ganham cores e ilustrações que contam a história e a essência dos atores daquele lugar. Isso passa a ser chamado também de galeria, como mais uma validação de que os jovens estão fazendo arte. Além disso, ainda há a liberdade de fazer arte sem as represálias do estado ou de outras autoridades; lá em cima ser artista é necessário e representa resistência cultural.

O hip hop e o rap também estão presentes nesse movimento, pois junto da pichação são

os maiores responsáveis por propagar a *gualín* do TTK para fora do Catete e adjacências. Com isso, foi criado o TTK Sessions, um evento exclusivo do projeto social e apadrinhado pelo rapper Filipe Ret, que desde 2015 promove encontros dos principais artistas do Catete no mesmo palco, em diferentes partes do bairro. O mais interessante é que além de unir diferentes estilos musicais existentes no Catete em um mesmo ambiente, todas as sessões eram registradas por grafites feitos ao vivo durante todo o evento.

Figura 2 - TTK Sessions 2015



Fonte: Site do Movimento TTK

O senso de pertencimento e comunidade que o Movimento TTK aflora nas pessoas nascidas e criadas nas comunidades do Catete foi tão grande que os lucros da música “Tributo ao TTK” são destinados ao projeto social e às iniciativas desenvolvidas por ele, para a manutenção do desenvolvimento de jovens no territórios e valorização da arte urbana. Foi a primeira vez no Brasil que artistas destinaram seu *streaming* para projetos sociais do bairro. Diante disso, é possível entender que a *gualín* é muito mais que um dialeto ou a língua oculta do Catete, é o passaporte cultural do bairro que o permite receber uma visibilidade que antes era direcionada para as partes ricas e próximas ao asfalto e à praia, dado que “a língua [do TTK] também é um monumento para essa cultura.”¹¹

Em outro trecho da entrevista concedida de forma exclusiva para a realização deste trabalho, Jaxwell fala sobre como a memória da *gualín* é importante para a manutenção da história do território e dos atores sociais. Os nascidos nas gerações de 60, 70 e 80 falam esse dialeto nas comunidades desde crianças, mas hoje a *gualín* alcança outros grupos sociais por causa da influência das músicas do RET, e é assim que as pessoas encontram projetos como o Movimento TTK, por meio do consumo dessas músicas que circulam nas mais diversas plataformas de áudio e vídeo. Jaxwell finaliza pontuando a positividade de ter pessoas se

¹¹ Trecho da entrevista exclusiva concedida a esta autora (ANEXO 1)

interessando cada vez mais pela própria linguagem, porque faz com que elas procurem saber o que está acontecendo no bairro e se aproxime dessa cultura urbana carioca.

“Hoje as coisas giram de uma maneira tão grande porque a língua foi criada aqui no bairro para poder ludibriar o sistema e hoje esse mesmo sistema quer fazer parceria com o Movimento TTK e construir uma faculdade dentro do museu voltada para cultura de rua, no local onde todos eram proibidos de entrar.”¹²

Por fim, uma das falas de Filipe Ret para a revista VICE pode ser relacionada diretamente à entrevista anterior e aos conceitos adotados no capítulo 2 desta pesquisa. Na ocasião o rapper coloca a *gualín do TTK* como algo que vai além do bairro, como se fosse uma cultura muito maior que o próprio território: “Santa Teresa e todas as favelas da área, Lapa, Glória, Largo do Machado, Laranjeiras, até a Praia do Flamengo, é tudo ‘TTK’, porque a cultura é a mesma.” Ou seja, a conservação da *gualín* e da cultura urbana significa a resistência de grupos socialmente minorados, e o seu uso representa a expressão da identidade desses atores, o respeito para com as gerações passadas e a esperança da conservação linguística e cultural para as próximas gerações.

¹² Trecho da entrevista exclusiva concedida a esta autora (ANEXO 1)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propõe a descrever e analisar, a partir de uma perspectiva sócio-cultural, as principais características da *gualín* do TTK no processo de construção identitária do território que se estabeleceu com a mistura da boemia carioca e as intervenções político-militares da república. Assim como a língua e o próprio processo de consolidação da identidade sofrem mudanças com o passar do tempo e em razão dos contextos sociais em que se inserem, a *gualín* do TTK passa por modificações simbólicas e interpretativas para validar sua resistência como elemento cultural e identitário. É por meio dela que os sentimentos de pertencimento e orgulho pelo território se fortalecem e permitem que grupos sociais distintos, principalmente marginalizados, tenham a chance de compartilhar sua cultura e desmistificar os estigmas perpetuados sobre eles na sociedade urbana. O rap, o hip hop, a pichação, o funk, o skate e o próprio dialeto do TTK são exemplos nítidos de elementos da cultura urbana que demoraram para serem reconhecidos na sociedade urbana como símbolos identitários válidos, uns até hoje são desvalorizados, como é o caso da criminalização da pichação.

De maneira geral, é possível compreender que a *gualín* do TTK é um fenômeno linguístico complexo e repleto de intenções discursivas, de modo que a fonologia do dialeto é projetada perfeitamente para a execução oral dentro do contexto urbano. A escolha de embaralhar as sílabas pode parecer simples à primeira vista, mas ao ser executado na fala fica quase incompreensível aos ouvidos de quem não está inserido nesse sistema linguístico. Ou seja, ela é, e sempre foi, uma língua pensada para facilitar a comunicação dos atores que pertencem a um determinado grupo social, caso você não pertença a nenhum, a *gualín* não é para você. Isso não significa, no entanto, que esse dialeto é excludente, muito pelo contrário, ele mostra a resistência e a existência de uma subcultura muito maior do que julgávamos possível dentro da sociedade urbana carioca. A *gualín* é a herança histórica de um povo que precisou se camuflar para sobreviver e que hoje utiliza esse dialeto como uma reafirmação do território e da sua identidade coletiva. Decerto, os moradores das comunidades do Catete e adjacências são os frutos do orgulho linguístico e identitário daquele lugar e da esperança de que vozes antigamente silenciadas ou diminuídas possuem um espaço na sociedade, principalmente no altar da cultura urbana carioca.

A *gualín* é uma linguagem urbana feita para a rua, passada de geração em geração por meio das conversas, das rimas e da pichação. É uma linguagem que chegou no Brasil com o intuito de ludibriar e disfarçar o que acontecia nas comunidades dos bairros do Catete, Glória e Lapa e que hoje quer mostrar ao mundo as potências que nascem desses lugares. Se antigamente

a intenção era que ninguém compreendesse o que estava sendo falado nas ruas, hoje os artistas trazem a *gualín*, com um grande auxílio das mídias sociais e as plataformas audiovisuais, para convidar aqueles que não conhecem o lado suburbano do Catete a olharem atentamente a história que a História não conta.

É o TTK, nemá!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, B. **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10.ed. São Paulo: Huditec, 1997.

Como foi o surgimento da cultura hip-hop no Brasil. Disponível em:

<<https://www.redbull.com/br-pt/O-surgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz & Terra, 2018. V.2. 9ª edição.

COSTA, Jones Vieira da. **A galera do xarpi carioca**. 2009. 126 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022. - (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

MUSIC, Amazon. **TRIBUTO AO TTK | MINI DOC | AMAZON MUSIC**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=COLicPw4WD0>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

O museu – Museu da República. Disponível em:

<<https://museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

PREVIDELLI, F. **Há 454 anos, ocorria a Batalha de Uruçumirim, resultando no “nascimento” do Rio de Janeiro**. Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/batalha-de-urucumirim-o-conflito-sangrento-que-culminou-com-o-nascimento-do-rio-de-janeiro.phtml>>. Acesso em: 07 ago. 2022

RIBEIRO, Rudah. **Uma história oral do TTK**. Vice, nov. 2015. Disponível em:

<<https://www.vice.com/pt/article/gy3ngq/uma-historia-oral-do-ttk>>. Acesso em: 7 ago. 2022

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SEARA, I.; NUNES, V.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Livro_Fonetica_e_Fonologia.pdf>.

TTK Maps – Movimento TTK. Movimentottk.com.br. Disponível em:

<<https://movimentottk.com.br/ttk-maps/>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

ANEXO 1 - Entrevista exclusiva com Jaxwell, fundador do Movimento TTK e produtor artístico do rapper Filipe Ret, realizada pela autora, em julho de 2022, através da ferramenta Google Meet.

Autora: Me conta um pouco de você e do que você faz hoje.

Jaxwell: Todo meu mundo girou em 2012. Em 2012 eu recebi o diagnóstico da minha mãe, que ela estava com cancer e ia durar dois meses. Aí eu perdi o tesão de jogar bola, que eu gostava muito. E em meados de 2012, mais ou menos junho ou julho, eu já sabia que o meu primo fazia as rodas de rima de rap ali pela Lapa e eu ficava ouvindo as músicas dele e logo ele me chamou para trabalhar com ele, em julho de 2012. Em Dezembro de 2012 a gente lançou o CD “Vivaz”, e em dois anos a gente já tinha um dos CDs mais tocados do Brasil. Depois vieram os outros albuns e daí surge minha vida na cultura de rua, mas não de forma direta agora, porque de forma indireta eu já participava na produção dos shows do D2. Lá eu aprendi muito de produção, nos backstages, como se portar, o que era ser um produtor. E em 2012 eu nem tinha noção de que seria produtor do Ret, depois em 2016 fui produtor do Oriente e hoje sou produtor de outros caras pela Red Records. Então, eu busco criar e elaborar projetos sociais de impactos sociais e visões do legado, tanto no âmbito esportivo quanto no cultural. E isso tudo eu venho desenvolvendo aqui no bairro com diversos projetos no Movimento TTK, que é “Catete” de trás para frente. Eu tenho os direitos da marca “TTK”, já está tudo registrado e através disso tudo eu desenvolvo projetos de pertencimento e valorização de jovens e adultos no nosso entorno.

Autora: Nossa, que bacana! E fala mais um pouco sobre a sua marca e os projetos que você desenvolve.

Jaxwell: A gente tem dois guarda chuvas dentro do Movimento TTK. O primeiro é o Sementes do Bem, voltado para crianças e depois a gente traz os jovens e adultos no outro segmento, que é o próprio Movimento TTK. Tudo isso direcionando, apontando, incentivando e potencializando tanto essas crianças quanto esses jovens. E agora tem os adultos também com o TTK Lab. Então são diversos projetos dentro do Movimento TTK e o Sementes do Bem eu inscrevi agora no CMS sete modalidades pro “Aterro Vivo”, com a intenção de plantar essa sementinha, deixar a criança germinar para que elas valorizem o espaço em que elas vivem e praticam esporte. Aquilo ali tá muito abandonado durante décadas, então essa foi a percepção que eu tive para elaborar esse projeto e nada melhor do que começar com as crianças pra tentar melhorar um pouco da sustentabilidade que a gente defende. E aí a gente tá junto com essa cartilha da ONU, a agenda 2030 com sete modalidades esportivas e culturais: parkour, break dance, slackline, jiu-jitsu, natação, skate e o futsal. A gente está em busca de recurso e patrocínio estatal para continuar alimentando esse projeto que é o Sementes do Bem. E o Movimento TTK é isso, em vez de deixar esses jovens desamparados a gente começa a potencializar e direcionar o olhar dessas pessoas para o futuro. Pensar no que eles gostam de fazer e aproveitar. Se você gosta de desenhar então vamos lá fazer uma oficina de desenho, fazer um grafite, para valorizar aí as nossas comunidades e os jovens.

Autora: E como o grafite entra no seu projeto?

Jaxwell: Ainda dentro do Movimento TTK temos o C.R.I.A, “Cultura de Rua Impulsionando Adolescentes”, com oficinas para jovens de 16 a 24 anos em três principais comunidades que a gente tem aqui: Santo Amaro, Tavares e 71, que vão desde o audiovisual usando telefone celular até o incentivo a grafitar os muros das comunidades. A ideia era transformar esses morros em galeria de arte e colorir as ruas. É um projeto de alegria e resgate das origens

desses jovens e do nosso bairro. Hoje qualquer um que entrar no movimentottk.com.br consegue ver essas artes em forma de e-book e galeria de virtual, a gente que montou tudo.

Autora: Você considera que o grafite e o picho são marcas desse território na cidade? Como isso acontece?

Jaxwell: Claro que sim. Eu acho que é a cultura de rua, é a cultura de rua em si. O grafite É a cultura e um dos pilares do hip hop. Vai muito além, não é só o DJ, o beatmaker e o big boy. Eu acho que a cultura de rua envolve muito mais o skate hoje em dia. Quando todo mundo falava tinha muito preconceito, mas hoje é um esporte olímpico. O próprio break dance, todo mundo dançava nas Olimpíadas e competições, entendeu? Então são esportes alternativos, vamos colocar assim, diferentes do que a gente está acostumado, que hoje são reconhecidos. Então, enquanto artes eles não eram valorizados, mas hoje que eles se transformaram em esporte há um grande valor de mercado.

Autora: Agora você consegue me explicar um pouco sobre a gualín do TTK?

Jaxwell: Esse dialeto vem da época da ditadura lá em 64 porque aqui no Catete a gente tem o Palácio da República né? E ali passaram 17 presidentes então na época da ditadura militar, os formadores de opiniões, para ludibriar o sistema da época só se comunicavam na língua do TTK. E depois o pode do xarpi, que é pichar ao contrário, intensificou tudo isso e levou o dialeto pras ruas de um jeito muito mais forte. E desde essa época a gente nunca mais parou de usar a gualín. Ela foi surgindo de maneira escondida, mas hoje mais gente conhece e cada vez mais se interessa em aprender porque é a notória a visibilidade que o Ret trouxe para o bairro e para a língua com as músicas dele e o documentário de tributo ao ttk. No final, a língua também é um monumento para essa cultura urbana.

Autora: Como você aprendeu esse dialeto?

Jaxwell: Isso foi passando de geração a geração. Não tem como, a rua ensina. A gente sempre se comunicou assim por aqui, inclusive quando eu viajava com a equipe de produção pelo Brasil afora e a gente não queria que as pessoas entendessem algumas coisas, era só falar na gualín. Se você perguntar pro meu filho, que tem 10 anos, ele vai saber como falar e te explicar. João, saé a ti viali¹³, explica pra ela um pouco da gualín do ttk

João [filho de Jaxwell]: A língua do ttk é feita de trás pra frente, então assim “limão”, você troca as sílabas para “mãoli”, aí tem “leão” que é “ãole”, “feijão” que vira “jãofê” e é assim.

Jaxwell: tendenhê ai á¹⁴? A gente vai desenvolvendo isso com as crianças pra língua nunca morrer, e vai passando de geração em geração e cada vez mais se intensificando. No Movimento TTK a gente pensa até em dar curso da língua do ttk e vender isso pro governo, pra secretaria de saúde usar até pra trabalhar com a memória das pessoas mais idosas.

Autora: Como funciona o mecanismo da língua do ttk na inversão das sílabas?

Jaxwell: A gente busca sempre a síntese e as palavras mais fáceis, no máximo três sílabas. Quando tem mais que três fica difícil, então a gente procura as menores. Como é rua, a gente precisa se comunicar rápido, então a preferência são palavras dissílabas e trissílabas.

¹³ “Essa é a tia Livia” na gualín do ttk.

¹⁴ “Entendeu aí?” na gualín do ttk.

“dopirá”, “mosvã”, “larfá na gualín do ttk”. Quando chega nas polissílabas eu sempre tento e aconselho a deixar elas pra lá. Isso é rua, precisa ser ágil.

Autora: Para finalizar, você concorda que a intenção discursiva por trás da língua do ttk mudou com o passar dos anos? Ou seja, antigamente ela tinha uma função específica e hoje já tem outra.

Jaxwell: Com certeza. Ela começou como uma reação ao sistema, tanto que as gerações de 60, 70, 80 e 90 aqui no bairro falam a gualín. Só que agora essa língua se expandiu muito com as músicas do Ret e dos outros artistas e ganhou uma grande notoriedade. As pessoas vêm, conhecem o movimeto, o que a gente faz por aqui, a cultura do lugar e vai se interessando pela nossa cultura. É legal cada vez mais pessoas se interessarem pela própria linguagem. Hoje as coisas giram de uma maneira imensa porque a língua foi criada aqui no bairro para poder ludibriar o sistema e hoje esse mesmo sistema quer fazer parceria com o Movimento TTK e construir uma faculdade dentro do museu voltada para cultura de rua, no local onde todos eram proibidos de entrar.